

V ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO

V ENCUENTRO DE INVESTIGADORES LATINOAMERICANOS DE COOPERATIVISMO

MOVIMENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZAÇÃO
E IDENTIDADE COOPERATIVA NA AMÉRICA LATINA

MOVIMIENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZACIÓN E IDENTIDAD COOPERATIVA EN AMÉRICA LATINA

COMITÉ DE PESQUISA DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL



171 - AGROECOLOGIA: UMA COOPERATIVA SUSTENTÁVEL?

Identidade, valores e governança das cooperativas

Ana Maria Coelho Pereira Mendes
ana.mendes@fae.edu

Lucia Izabel Czerwonka Sermann

Cristiano Chiaramonti
cristiano.chiaramonti@bomjesus.br

UNIFAE – Centro Universitário Franciscano

Resumo

A análise do modelo de governança de cooperativas com vistas a sua sustentabilidade é o foco deste artigo. Objetivou-se compreender o processo de construção da identidade econômica de uma cooperativa localizada em São Mateus do Sul no estado do Paraná, que busca superar seu modelo de gestão. A descrição da experiência, orientada pelos pressupostos de Stephen R. Gliessman encontrou na pesquisa de campo e entrevista sustentação metodológica. O estudo permitiu constatar que os princípios da agroecologia já compõem o ideário de seus líderes, da mesma forma que suas práticas indicam ações que concretizam experiências desta natureza. O estudo permitiu concluir que a manutenção da cooperativa depende de uma nova forma de governança, que lhe dê sustentabilidade e promova a consolidação dos valores e princípios da agroecologia. Para que uma nova governança econômica, ambiental, política e social, se concretize percebeu-se a necessidade de rever os processos de sustentabilidade econômica e financeira. Para tanto, alternativas estratégicas que norteiem o processo de mudança compõem este estudo.

Palavras – chave: Cooperativa; agroecologia; governança das cooperativas.

Abstract

The analysis of the management models of cooperatives seeking sustainability is the focus of this article. It sought to understand the process of economic identity building of a cooperative located in São Mateus do Sul in the state of Paraná, Brazil, which seeks to overcome its management model. The description of the experience, guided by principles of Stephen R. Gliessman used the field research and interviews as its methodological tools. The study allowed for the observation that the principles of agro-ecology are already part of the ideology of its leaders, the same way that their practices indicate actions that make concrete experiences of that nature. The study concluded that the continuation of the cooperative depends on a new form of management which facilitates its sustainability and promotes the consolidation of values and principles of agro-ecology. For the consolidation of a new economic, environmental, political and social management it was perceived the need to review the processes of economic and financial sustainability. For that end, strategic alternatives that guide the change process are components of the study.

Key-Words - Cooperatives; Agro-ecology; Cooperative management.

1 Introdução

Voltar às origens. É este efetivamente o processo em curso com a revisão do modelo de desenvolvimento que não deu conta de ser sustentável. Com a agricultura ocorre exatamente o mesmo fenômeno de esgotamento e retração na relação homem e natureza.

Para consertar o que acreditavam ser a resposta da natureza ao desrespeito do homem com ela, um grupo de agricultores familiares muda esta relação. Primeiramente, eles procuram entender quem e como age este ator-natureza: suas características, suas leis intrínsecas, sua resposta a esta mudança de comportamento. Outra questão que emerge deste novo paradigma, é que toda a cadeia da produção e comercialização também muda.

Os processos econômicos praticados e consagrados no modelo da “revolução verde”, são re-significados pelo grupo de agricultores, que se depara com uma produção inovadora e, por conseguinte, um produto novo. A agroecologia, além de uma atitude na produção, requer atitude no estilo de vida de todos os atores envolvidos: produtores e consumidores.

Isso posto, questiona-se qual o modelo de governança cooperativa da agroecologia que promoverá uma relação sustentável com o mercado?

A hipótese para esta análise é que somente um modelo alternativo de governança com características dos modelos já consagrados de cooperativas pode promover a sustentabilidade de uma cooperativa de agroecologia.

Logo, o objetivo geral deste estudo é analisar um modelo alternativo de governança que promova a sustentabilidade de uma cooperativa de agroecologia. Para tanto, a primeira aproximação com a realidade é (1) descrever os pressupostos da relação homem-natureza que emergem deste

novo paradigma; (2) identificar os processos já efetivados para o negócio enquanto cooperativa; (3) analisar os resultados alcançados pelas ações já desenvolvidas pelos cooperados.

A metodologia de pesquisa adotada é o estudo de caso de uma cooperativa de agroecologia, identificando indicadores que serão iluminados pelas referências da cooperativa de produção agrícola e da cooperativa de serviços agrícolas. O procedimento de pesquisa-ação (GIL, 1999) apresenta-se como estratégia para as aproximações sucessivas realizadas em campo, até agora, entre os pesquisadores e o público-alvo, com vistas às descobertas e revisões sistemáticas da atitude investigativa.

As entrevistas foram realizadas com uma representante da diretoria da cooperativa, que também é protagonista e idealizadora do programa para a mudança. O grupo focal ocorreu em uma propriedade rural de uma família participante do programa e também cooperada, cadastrada como agricultores familiares. Não serão identificados nominalmente nenhum dos entrevistados para garantir a impessoalidade das informações e para generalizar os dados dos quais apresentam-se como porta-vozes.

Os autores que embasam esta análise são: Stephen R. Gliessman que fala sobre agroecologia, Gilvando Sá Leitão Rios que analisa o cooperativismo, Edgar Morin que possibilita iluminar a dimensão complexa que comparece na realidade, além da própria entrevistada que apresenta a re-significação deste processo, a partir de sua experiência de vida.

2 Práticas da agroecologia

A agroecologia contribui com suas práticas para o desenvolvimento do conceito de sustentabilidade na agricultura. Ela contextualiza a produção local por meio das famílias com práticas que levam em consideração a sustentabilidade da produção agrícola.

Segundo o autor Gliessman (2005), a agroecologia pretende colocar o equilíbrio das práticas agrícolas pois,

“(...) hoje, a agroecologia continua a fazer conexão entre fronteiras estabelecidas. Por um lado, a agroecologia é o estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, por outro, é um agente para as mudanças sociais e ecológicas complexas que tenham necessidade de ocorrer no futuro a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável” (GLIESSMAN, 2005. p. 56).

Neste sentido, a agroecologia com suas práticas consegue tratar de um local de produção agrícola como um agroecossistema, que corresponde a um ecossistema.

O conceito de agroecossistema consegue recuperar a visão sistêmica das relações que ocorrem dentro de uma propriedade agrícola, por entender as questões alargadas do todo e não tão somente das partes.

Gliessman (2005) entende que o conceito de agroecossistema é proporcionado por, “uma estrutura com a qual podemos analisar os sistemas de produção de alimentos como um todo, incluindo seus conjuntos complexos

de insumos e produção e as interconexões entre as partes que os compõem” (GLEISSMAN, 2005. p. 61).

Percebe-se que existe a mudança paradigmática na formalização destas práticas agrícolas, enquanto a monocultura procura trabalhar cada prática separadamente para atender a uma proposta de melhoria do plantio, para a produção em larga escala. Em contra partida, a agroecologia procura entender as suas práticas como um conjunto de ações interligadas que se relacionam e que podem se auto-regular.

No contexto da agroecologia o local de produção agrícola é como uma totalidade, possibilitando a construção de formas de produção que compõem e respeitam os processos que ocorrem na natureza, as relações existentes entre os vários processos de auto-organização¹. “O conceito de agroecossistema baseia-se em princípios ecológicos e na nossa compreensão dos ecossistemas naturais” (GLEISSMAN, 2005. p.61).

A busca das práticas da agroecologia é a de contextualizar um agroecossistema muito próximo dos ecossistemas naturais, que pode ser definido como um sistema que funciona em relações complementares entre os organismos vivos e seu ambiente, que no decorrer do tempo parecem manter um equilíbrio dinâmico (GLEISSMAN, 2005).

O ecossistema natural é composto basicamente por dois componentes estruturais, os fatores *bióticos*, que estão relacionados com os organismos vivos que interagem com o ambiente e os fatores *abióticos*, componentes que estão relacionados com as questões químicas e físicas que são considerados como os não vivos do ambiente, como o solo, luz, umidade e temperatura.

Esta estrutura consegue compor as relações que dão dinamismo ao meio ambiente e provocam a sua auto-sustentabilidade. A agroecologia por meio das suas práticas procura viabilizar a produção de alimentos sob estes aspectos de dinamismo dentro de uma propriedade agrícola, possibilitando assim a sustentabilidade do ecossistema.

Este pode ser considerado o grande desafio da agricultura que procura práticas sustentáveis para a sua formalização. Gleissman (2005), propõem que o desafio está na criação de agroecossistemas sustentáveis com características que se assemelham aos ecossistemas naturais, mantendo uma produção de alimentos que pode atender as necessidades do homem.

A lógica da agroecologia quando procura contextualizar um agroecossistema sustentável, esta em suas práticas que se diferenciam das outras práticas formalizadas pela monocultura. Estas práticas podem ser entendidas como o fluxo de energia que requer uma dependência menor de recursos não renováveis.

E por fim, “um agroecossistema sustentável precisa incorporar algumas características importantes encontradas no ecossistema natural como estabilidade, produtividade, equilíbrio e resiliência” (GLEISSMAN, 2005).

A busca por práticas de plantio sustentável por parte da agroecologia que estão próximas das formas naturais dos processos ambientais,

¹ Termo utilizado pelo autor Edgar Morin para compreender a organização viva, auto-organizadora, “que nos mostra que a ordem das coisas vivas não é simples, nem diz respeito à lógica que aplicamos a todas as coisas mecânicas, mas postula uma lógica da complexidade” (MORIN, 2006, p.32).

contextualiza uma preocupação com o paradigma da complexidade, pois consegue respeitar a diversidade, e as relações existentes nos processos de produção de alimentos.

Desta forma cabe analisar como um modelo de cooperativa pode respeitar as particularidades das formas de produção da agroecologia que respeita a diversidade natural, incorporando as questões sociais, mais não deixando de lado a sustentabilidade econômica das famílias.

3 O sistema cooperativado

O sistema cooperativado nasce da necessidade social na Europa por meio dos movimentos operários, levando-se em consideração a questão do capitalismo industrial que emerge no século XVIII. A intenção por parte destes movimentos era a de criar formas sociais que reagissem contra a extrema exploração que existia na época com o crescente capital industrial.

Nessa época, a grande maioria dos funcionários trabalhavam sem seguros dentro de seus empregos, coisas que se tornaram normais na sociedade contemporânea que dão sustentação à questão social, como exemplo o sistema previdenciário.

Surgem então, em meio a problemática social, uma forte exploração econômica e de repressão policial-militar sob os trabalhadores, que desencadearam associações na clandestinidade, as quais não podiam aparecer em função de possíveis punições por parte do próprio sistema capitalista, associações operárias secretas em países como a Inglaterra e a França.

Estes movimentos operários geraram grandes contribuições, os quais evidenciaram os primeiros passos no mundo para a criação do sistema de cooperativas, onde trabalhadores se estruturavam com o intuito de viabilizarem as suas expectativas sociais e econômicas individuais em uma comunidade com as mesmas necessidades (RIOS, 2007).

No Brasil, os movimentos operários, formaram associações de ajuda mútua entre a sociedade mais excluída, onde, a questão econômica era tão precária que havia a necessidade de um relacionamento mais próximo para a busca de subsídios que concebesse formas de sobrevivência em conjunto.

Um bom exemplo, ocorrido no Brasil, está na questão dos moradores do antigo engenho de açúcar “Galiléia”, onde se creditam os primeiros passos para a criação dos movimentos futuros das reivindicativas Ligas Camponesas.

“(…) as reivindicativas Ligas Camponesas a partir da despreziosa criação de uma sociedade de ajuda mútua para enterrar seus mortos. A pobreza era tanta que, quando morria um morador, o caixão era emprestado pela Prefeitura do município onde se localizava o engenho (...) O caixão obviamente só era utilizado para carregar o defunto, sendo devolvido a Prefeitura depois de esvaziado de sua carga” (RIOS, 2007, p.24).

Tamanho era a vergonha e o desrespeito com o companheiro defunto, que os próprios moradores tomaram a decisão de se unirem em uma associação que pudesse de alguma forma contribuir para com o desalmado, um final feliz e mais digno do que este empréstimo temporário para guardar os seus despojos.

Essas associações, como a do engenho de açúcar “Galiléia” no Brasil, evidenciaram a possibilidade para a criação de questões sociais de ajuda mútua, dando o entendimento da necessidade da formação de uma previdência social, de um sindicalismo e do próprio cooperativismo (RIOS, 2007).

Assim, o termo Cooperativismo no Brasil, tornou-se amplamente difundido como proposta de ajuda à pessoas que possuíssem problemas em comum, no enfrentamento competitivo de forma unitária em detrimento a propostas hegemônicas de capitais e nas questões sociais, onde as políticas públicas não conseguem ser efetivas.

Pode-se resumir, que o cooperativismo perpassa por entendimentos onde a proximidade das escolhas individuais de cada um, cria vínculos por meio do voluntariado para o alcance das necessidades da grande maioria envolvida na cooperativa, dando ênfase para as questões econômicas, sociais e culturais comuns, levando em consideração o empreendimento como portador, como meio para o atingimento da coletividade que normalmente é democraticamente gerido.

Cria-se por meio das cooperativas, formas de unir várias pessoas com pensamentos e necessidades semelhantes, na busca da sobrevivência em um mercado cada vez mais competitivo em torno de práticas cada vez mais capitalistas de exclusão, onde a relevância estava voltada para o social e o econômico.

O cooperativismo no decorrer desses anos acabou agregando várias definições na literatura especializada, que podiam variar conforme a época que foram empregados e também relaciona-los com o forte viés doutrinário em que eram elaborados, dando mais ênfase a sua proposta nuclear e dogmática, do que propriamente as formas como se construíam para o benefício das pessoas envolvidas (RIOS, 2007).

Esses posicionamentos dogmáticos movidos por interesses intelectuais acabaram por criar tipos de cooperativismo, mas não acarretaram as únicas alternativas para a construção dos sistemas cooperativos. A questão econômica, como proposta para o alcance da competitividade de determinados grupos em detrimento ao hegemonismo capitalista de alguns oligopolistas², foi amplamente difundida como possibilidade para uma maioria que procurava respostas econômicas e financeiras para as suas famílias.

Assim, acabam por surgir diversas formas e tipos de cooperativas. Entre elas podemos citar as cooperativas de produção e de trabalho, cooperativas de produção agrícola, cooperativas de serviços agrícolas, cooperativas de consumo, cooperativas de pesca, cooperativas de crédito entre outras. Cada uma delas com o seu viés econômico e dogmático, mas que sempre se propõem em viabilizar as questões socioeconômicas de um grupo qualquer.

² Situação de mercado em que poucas empresas detêm o controle da maior parcela do mercado (Dicionário Houaiss, 2006).

Em continuidade a temática relativa as cooperativas se faz necessário descrever como se estruturam os dois tipos destes sistemas cooperativados, o de produção agrícola e o de serviço agrícola.

4 Cooperativas de produção agrícola

A questão das cooperativas de produção agrícola é muitas vezes confundida com as cooperativas de serviços agrícolas, desta forma cabe a este capítulo diferenciar as duas formas de construção de sistemas cooperativados e compreender como elas podem ou não, serem complementares e como se estruturam nas questões já propostas da agroecologia.

A cooperativa de produção agrícola se diferencia da cooperativa de serviços agrícolas na questão de produção e de comercialização do resultado do seu trabalho. A primeira é viabilizada para compor a produção de um determinado arranjo produtivo onde se encontram vários pequenos produtores ou não, que querem viabilizar em conjunto a geração dos resultados do seu trabalho na terra cultivada. A segunda propõe modelos de comercialização do resultado da produção agrícola.

“Afim, uma coisa é uma associação de agricultores individuais para o atendimento de um serviço isolado e, outra, a constituição de uma empresa de produção agrícola coletiva onde a terra, mesmo se cultivada em lotes individuais, tem o seu aprimoramento planejado comunitariamente” (RIOS, 2007, p.36).

As questões das cooperativas de produção agrícolas estão relacionadas com uma proposta de produção em conjunta e comunitária, ou seja, mesmo que as propriedades das terras continuem sendo de cada associado, a produção não será da mesma forma unitária. Toda composição do que será produzido nas propriedades perpassa pelas decisões dos associados.

Este tipo de produção conjunta tem como característica uma maior flexibilidade na questão de respostas a uma produção que precisa ser vinculada a mudanças rápidas e dinâmicas de um determinado mercado, ou de uma determinada forma de produção que não pode estar vinculada a um tipo apenas de produto, como normalmente ocorre no caso da monocultura³ que estrutura apenas um item na sua produção.

A cooperativa de produção agrícola enaltece produções mais dinâmicas, que são caracterizadas por meio de inovações rápidas. Rios (2007) cita que as experiências desse gênero de cooperativas é muito vasta na Hungria, onde o autor deixa claro que neste país, o único socialista onde a coletivização das terras desdobrou em um aumento significativo na produção de alimentos. A contribuição deste tipo de cooperativa foi tão grande, continua o autor, que um quarto do que é exportado dentro do país é produzido na agricultura.

³ Sistema de exploração do solo com especialização em um só produto (Dicionário Houaiss, 2006).

“De modo geral as cooperativas húngaras são unidades de produção muito dinâmicas, capazes de inovar rapidamente e diferenciar sua produção” (RIOS, 2007, p.37).

Este tipo de cooperativa participa em larga escala na Hungria com a produção agrícola mantendo o abastecimento completo do mercado interno e ainda participando com boa parte das exportações do país, mas sem perder a flexibilidade para inovar e diferenciar a produção de alimentos.

Assim, compreendendo a forma de cooperativa que colabora com a produção agrícola, percebe-se a necessidade de contextualizar como se estruturam as cooperativas de serviços agrícolas, bem como se diferencia da cooperativa de produção.

5 Cooperativas de serviços agrícolas

A cooperativa de serviços agrícolas por vezes confundida com a cooperativa de produção se diferencia na proposta de comercialização da produção, como alternativa para a sustentabilidade das pessoas envolvidas na associação.

Esse tipo de cooperativa pode ser considerada como o modelo mais difundido no Brasil, por abarcar uma infinidade de propostas como créditos, compra de insumos, beneficiamento, comercialização da produção, consumo doméstico, utilização em comum de equipamentos entre outras (RIOS, 2007).

O sistema de cooperativa de serviços agrícolas serve para definir uma infinidade de serviços que podem ser prestados a associação como meios para a melhoria da competitividade como exemplos das cooperativas de transformação de produtos agrícolas, na conservação da produção agrícola de uma associação e principalmente na venda em conjunto da produção agrícola, onde a união de várias pequenas propriedades tenta colocá-las em pé de igualdade com grandes latifundiários⁴.

A união na busca de melhorias competitivas, em detrimento ao grande produtor, leva a associações cooperativadas de compras em comum, onde os agricultores contribuem individualmente em cotas na busca de suprir a necessidade por menores custos de insumos em suas produções.

Também se encontra na estrutura da cooperativa de serviços agrícolas, as associações de utilização de equipamento agrícola pesado, ou de alto custo, como máquinas, tratores, colheitadeiras entre outros. O custo destes equipamentos por vezes é muito alto para o pequeno agricultor, havendo a necessidade de ajuda mútua entre eles para a compra e a manutenção dos mesmos.

Essas associações, entendidas como cooperativas de serviços agrícolas perfazem a tentativa de melhoria nas condições de todos os empreendimentos agrícolas envolvidos nas associações.

⁴ Dono do latifúndio, que significa vasto domínio rural constituído de terras não cultivadas e/ou de áreas onde se pratica um tipo de cultura que não exige grandes investimentos (Dicionário Houaiss, 2006).

As formas de associações em torno do serviço colocam em destaque a questão da sustentabilidade econômica para famílias envolvidas no processo por meio da utilização comum de certos serviços e meios para a melhoria individual. “Assim, desde a colheita, sua entrega à cooperativa, até a comercialização final, há vários serviços que são usados a fim de levar o produto ao mercado” (RIOS, 2007, p.42).

A tentativa também gira em torno da preocupação por parte dos próprios produtores agrícolas em escapar do intermediador de mercadorias que acabam lucrando com a produção das próprias cooperativas. Se os próprios produtores comercializam a sua produção possivelmente estarão sendo melhores remunerados, pois o lucro que ficava no repasse da mercadoria até o consumidor final fica com os próprios cooperados (RIOS, 2007).

É válido salientar que mesmo feita a diferenciação entre a cooperativa de serviços agrícolas e a cooperativa de produção agrícola a repercussão que sucede entre as duas é de extrema intensidade. Para que haja uma boa comercialização da produção precisa existir uma boa produção agrícola.

As formas de cooperação evidenciadas aqui darão subsídios para a compreensão de como as mesmas vêm sendo processadas. O estudo de caso aqui proposto retrata o contexto de uma produção diferenciada de agroecologia e de uma comercialização que produza benefícios para a sustentabilidade da cooperativa agroecológica COFAECO.

Para tanto, contextualizar suas práticas descrevendo os processos de busca da sustentabilidade em torno da comercialização e da produção agrícola permite identificar o processo de construção de um novo modelo de governança.

6 Estudo de caso: processo de construção da identidade da COFAECO

A atual representante de uma cooperativa de agroecologia, situada em um município próximo a capital do Paraná, traz para a academia, no programa de mestrado, o problema de gestão da organização e do desenvolvimento sócio-econômico do empreendimento alternativo. Vale ressaltar que não é apenas um empreendimento enquanto plano de negócio, mas um estilo de relação holística dos protagonistas com a complexidade do mundo real.

Apresenta-se como agricultora familiar e assessora administrativa da Secretaria Municipal de Agricultura do município de São Mateus do Sul. É também coordenadora administrativa da Cooperativa de Famílias de Agricultores Ecológicos de São Mateus do Sul – COFAECO. É secretária da EcoAraucária – Associação de Famílias de Agricultores Ecológicos Experimentadores e Difusores em Agroecologia no bioma de floresta com araucária.

Naquele município, em 1985, surge o sindicato dos trabalhadores rurais visando a necessidade para os agricultores de uma entidade que os representasse e congregassem à eles força para a formação de um sindicato.

De 1985 a 1990 começam a surgir os diversos planos monetários e o processo de revolução verde. A revolução verde, na concepção do grupo de pessoas da COFAECO está ligado com o processo de se respeitar a natureza, e não do modelo tradicional imposto pela monocultura onde o que importa é a

quantidade de alimento produzido para o atendimento de uma população cada vez maior.

A grande contradição, segundo o seu relato, é que as marcas dos produtos que promovem contaminação do solo são embalados tendo a logomarca em faixas verdes (o agrotóxico *Manah* tem a faixa de agrotóxico e outros sintéticos de adubos estampados em embalagens verdes).

Esta última manifestação verde não é a revolução verde que ocorre entre os atores primários da agricultura que se apresentam como plantadores de base ecológica. Para as suas produções é utilizado o Nitrogênio, Potássio e Fósforo (NPA) ingredientes básicos para o solo e, conseqüentemente, para a produção agrícola.

Eles condenam o uso indiscriminado de produtos tóxicos que empobrecem o solo e práticas de igual intensidade como a monocultura, queimadas, desmatamento, provocando a desertificação, principalmente pelo desrespeito com a mata ciliar que protege rios e mananciais.

O sindicato percebeu o erro e reviu seus procedimentos, já que o agricultor estava acostumado com o pacote da revolução verde tradicional, imposto pela monocultura que se utilizada de adubo químico, pesticida, queimada, desertificação.

Com isso, o sindicato passou a estudar junto ao grupo de agricultores as alternativas para um impacto alternativo, pois haviam ficado reféns dos adubos químicos e sementes oficiais tradicionais. A busca estava em torno de resgatar a própria semente (semente crioula que germinava bem), resgataram a seleção massal (técnica desenvolvida pelos maias e incas para seleção de sementes), fazer o próprio adubo na propriedade e utilizar métodos de tração animal adaptado a realidade do agricultor.

A partir dessa idéia, em 1993 começa um movimento com várias famílias. Convidam uma assessoria e serviços de projeto em agricultura alternativa, do Rio de Janeiro para começar esta renovação.

Surge a proposta de se trabalhar com a Agroecologia que é o método de utilização dos recursos naturais disponíveis no meio ambiente da própria propriedade e do seu entorno. Isso significa interagir com a energia da natureza, que nada mais é do que energizar-se de si próprio, da sua matéria, do que a propriedade tem a oferecer efetivamente, a sua própria constituição.

É uma proposta diferente da utilizada no cultivo da Agricultura orgânica, que depende de produtos comprados externamente a propriedade, por isso, segundo os relatos da entrevistada não pode ser considerada auto-sustentável na sua relação com o meio ambiente.

Ela continua dizendo que, os recursos genéticos utilizados no processo da agroecologia, foi o trabalho de recuperação de sementes crioulas, catalogando o que a região tinha. Dessa ação, conseguiram identificar 98 tipos de semente de milho, 66 de feijão, 40 de arroz e diferentes sementes de verduras e frutíferas.

Já incluso neste processo de conversão proposta pela assessoria, estava a seleção massal, que entende a característica da planta e o comportamento natural de como ela está se sobressaindo na produção (a partir daí é selecionada para padrão de semente).

O processo inclui o monitoramento, o comportamento masculino e feminino, a resistência ao clima, a beleza da florada e da vegetação. Fizeram o processo da seleção massal durante 3 longos anos e começaram a feira de sementes desta seleção como recurso genético. Todo o agricultor leva o material que tem na propriedade, a forma de conservação e reprodução da semente, como um clube de trocas de sementes.

Neste clube de trocas, estão envolvidos profissionais da agricultura que não têm o capital formal para constituir-se, mas possuem o capital do conhecimento, o que lhes dá autonomia para a gestão de seus negócios pela proximidade geográfica (vizinhos), inclusive porque seus vizinhos desfrutam de mesma autonomia.

O grupo de agricultores fez pesquisa com o milho carioca que estava produzindo muito bem após a seleção massal. Segundo relatos a espiga tinha em média 40cm, mas era uma espiga por pé. Partiram da hipótese que baixando a altura do pé iria melhorar a produção de uma espiga para duas espigas, devido a concentração de “força” em árvores menores.

Após seleção massal e a testemunha (semente oficial), constataram que houve uma melhora. Mas com a agricultura feita pela intervenção do homem, na tentativa de melhorar a produção do pé de milho, acabou com o resultado que levou a planta a definhar de tal forma a espiga que de 40 cm baixou para 20 cm até não ter quase o que colher, caindo radicalmente o peso da espiga.

A seleção manual da semente e o controle da qualidade natural da produção, feita pela própria natureza provaram que a seleção massal é a mais eficiente em detrimento ao controle do homem na produção da planta.

Quer dizer, na questão do milho carioca, a natureza sabe o que faz: a manipulação dos homens para alterar a natureza do milho, além de enfraquecer a sua vocação natural, quase elimina a sua natureza de produção, foi a conclusão que chegaram.

Corroborando com este exemplo, de que na natureza existem processos mais qualificados para a plantação do que os feitos artificialmente pelo homem, Sebastião de tal, um agrônomo pesquisador da UNIJUÍ, no Vale dos Sinos, que estuda os transgênicos e os agrotóxicos, que também pertence à rede de economia solidária, diz que uns recursos naturais para a agricultura são os minerais como pedras e rochas.

Na região de São Mateus do Sul usa o basalto, que é pó de rocha de balsática como espécie de adubo mineral para produção de alimentos. Segundo Sebastião esse conhecimento é muito antigo e partiu da observação que o pó perto de rocha faz crescer vegetação. Por isso que uma estratégia para melhorar o plantio é moer a rocha, pois este pó reage com a vida vegetal e favorece o plantio.

Também neste processo da natureza, encontra-se a questão da Agrofloresta, que consiste num trabalho de repovoação e estudo do bioma (estudo da fauna e da flora). Um bom exemplo dessa correlação é a situação que ocorreu com relação a erva-mate, que está morrendo.

Aonde tinha a povoação nativa da erva-mate, que nasce entre outras culturas, trouxeram a erva-mate Argentina e transformou a cultura integrada nativa que existia na região em uma monocultura da erva-mate. Isso acabou

por enfraquecer a troca de nutrientes que cada cultura necessita para a sua produção.

A técnica de produção de semente e plantio que trouxeram da Argentina destruiu o que existia de erva-mate nativa. No processo de produção intensiva da monocultura, foi derrubada a mata de Araucária, uma mata nativa que existia na região, para abrir espaço a grande quantidade de erva-mate que se queria plantar.

O desempenho desta cultura quanto a qualidade para o consumo e paladar brasileiro não deu o resultado esperado, pois a erva nacional era considerada muito melhor. A indústria da erva-mate na região concluiu que estava perdendo consumidores e trocaram tudo novamente, voltando a proposta da erva-mate nativa.

O impacto desta experiência foi tido como extremamente negativa, incentivando assim a criação de uma sementeira da erva nacional a qual começaram a plantar em poteiros e florestas.

Os técnicos agrônomos precisam olhar para a natureza com mais respeito, pois nela estão os seres humanos não sendo um lugar somente viabilizado para experiências conclui a entrevistada. Num intervalo de 10 anos, o Sr. Teófilo de tal, de Arroio da Cruz cidade localizada no Estado do Rio Grande do Sul, relatou a sua experiência como agricultor que utilizava “química pesada” e acabou com a nascente de água, ficando ele e seus animais sem o abastecimento da mesma. Vivenciando está problemática, desconfiou que estava fazendo algo errado, corrigiu o procedimento que estava utilizando, adotou novas estratégias naturais de recuperação do solo e plantio de agricultura natural, e a nascente voltou a esbanjar água.

A Bioenergia também foi um fator estruturante da agricultura agroecologia em São Mateus do Sul e da COFAECO, que consiste no uso dos recursos naturais, estudando a energia da vida (planta, o corpo humano, o animal) para extrair e trocar energia entre a matéria orgânica e inorgânica.

Em 1997, o Sindicato e a Pastoral da Criança fizeram em São Mateus do Sul um curso sobre métodos utilizados na Índia, China e USA. Esse curso ensina o trabalho com os humanos pedindo auxílio para outras pessoas que tenham compatibilização com a energia da própria pessoa, demonstrando segundo o relato dos entrevistados o estímulo da mudança de forma à conduzir uma busca do equilíbrio levando em consideração outras pessoas.

Esta questão foi o começo da busca na mudança de vida das próprias pessoas envolvidas na produção agroecológica, como a desintoxicação do que não é natural, começando pela supressão da ingestão de carne vermelha, derivados de leite e ovos (proteína animal, em geral).

A alimentação pode incluir então o peixe, as frutas e os legumes, deve-se tomar chá de erva, como a abstinência de bebida alcoólica sendo necessária para o tratamento para alcançar a cura. Esta desintoxicação pode durar de 15 a 20 dias. Estas questões perpassaram do agricultor até as formas de controles das pragas. A homeopatia como exemplo foi amplamente utilizada na agricultura para combater pragas e fungos, como os chás de plantas. O processo de mudança ocorreu em todo o sistema produtivo e do próprio modelo de vida dos agricultores.

Foi incorporada a produção de alimentos o melhoramento de solo que são ações que servem para reequilibrá-lo para que ele volte a produzir sem o implemento de adubos químicos assim, produzindo naturalmente.

A adubação verde proposta pelos agricultores, recupera inicialmente pequenas áreas, com rotação de cultura, utilizando esterco de animais, adubos da independência (é uma mistura de tudo que tem ao redor da propriedade como esterco, terra para tirar o cheiro, erva do chimarrão, restos de comida sendo tudo misturado e triturado).

O resultado dessas práticas trouxe um melhoramento muito bom para o solo. A minhoca também foi uma estratégia de recuperação, como também o uso da técnica de caldas naturais (enxofre, cal, para passar nas plantas), o bio-gel que é um composto natural de leite e esterco de vaca que fica concentrando durante 45 dias para fermentar.

O comentário da entrevistada é que apesar de “feder” muito para o preparo, é um adubo natural “poderoso”. Depois que perde o cheiro, esse adubo fica excelente, pois é energia pura e a energia é fundamental para a recuperação da vida.

Essas práticas foram todas utilizadas para a estrutura de conversão das formas de produzir alimentos pelos agricultores de base ecológica da COFAECO. Após entenderem que o método convencional de plantio estava prejudicando não só a natureza como também os próprios agricultores envolvidos na produção e como consequência as suas famílias.

A questão do conhecimento e do reconhecimento da necessidade de converterem as suas lavouras em agroecológicas passou por questões de aprendizado com o próprio modelo de produção transgênica. Francisco de tal, um agricultor da região de São Mateus do Sul, teve uma experiência significativa para avaliar os transgênicos, pois foi o primeiro a plantar milho desta forma em 2002.

Logo no primeiro ano aumentou a sua produção, no segundo conseguiu repetir o mesmo feito, mas no decorrer dos anos começaram a aparecer cipó, corda de viola, que eram tão resistentes que nenhum veneno encontrado na região conseguia matar. Tiveram assim, que utilizar um produto que impermeabiliza o solo (*Randap*) que consiste em um *organofosforado toxiológico* que faz com que a terra produza algas e que estas empecem a chuva de penetrar na terra. Esta alga por sua vez só é digerida por outro produto fazendo com que todos os agricultores e o próprio meio ambiente ficassem reféns da cadeia de agrotóxicos.

A alta produção de milho transgênico como exemplo, torna o agricultor dependente da semente e da tecnologia de determinadas empresas. Um agricultor dos Estados Unidos expôs essa lógica dos transgênicos, com a contextualização do pagamento de *royalty*. Ele diz que o agricultor fica realmente refém dos produtos em cadeia. Ele continua dizendo que, a sociedade civil está acatando e ficando quieta a respeito da transgenia, os órgãos públicos infelizmente não defendem a população, inclusive a obrigação da rotulagem mostrando que o produto é transgênicos, como o próprio Terceiro Setor também falha neste sentido. Todos devem ter opção, mas para isso precisam ser bem informados, como no caso dos transgênicos finaliza o agricultor Americano.

O grupo focal realizado com uma família cooperada, secretário da agricultura do município, docente e discentes do programa de mestrado, levantou dados significativos para outra aproximação com a realidade da cooperativa. Os agentes da agricultura familiar e representantes da comunidade apresentam a percepção que têm da relação homem, natureza e sustentabilidade.

Para eles, a lacuna que existe entre a realidade da cidade e da zona rural é que o agricultor é muito acolhedor e as pessoas urbanas são céticas: procuram se garantir no *status quo*, e tudo que se apresente como alteridade do conhecido, é prontamente ignorado. A sociedade em geral precisa estudar a cultura rural e dar valor ao que é produzido lá.

Constataram que quando convidam a sociedade para dar informação, pode ocorrer roubo de propriedade intelectual. Na experiência do milho carioca, a pesquisa, a intervenção e o controle que o agricultor fez acabou sendo publicado no exterior, sem qualquer referência aos verdadeiros produtores do conhecimento. Falta no Brasil dar publicidade a esta realidade segundo os entrevistados.

A EcoAraucária foi criada como uma Associação de Agricultores para proteger os interesses do agricultor e da produção do conhecimento gerado em suas propriedades. A formação ocorre entre os próprios agricultores: fazer cursos de empreendedorismo rural, mudar a questão de subsistência em felicidade, como capacitar o empreendedor rural e mudar a mentalidade do empreendedor urbano.

Essa associação é por adesão: a autonomia para aderir a determinados comportamentos é total, em que a troca não é obrigatória, mas somente tem que haver afinidade de idéias. Busca-se congregação das mesmas idéias, mesmo por meio de um abate, sem a obrigatoriedade da troca. Os associados fazem o dia de campo, no qual promovem visitas com o intuito de trocarem idéias e resultados ocorridos durante o processo.

A comercialização para a agricultura familiar iniciou nessa campanha, criaram a cooperativa de agricultores ecológicos a COFAECO com o intuito de facilitar a comercialização da produção. Os resultados foram 25 famílias que começaram com R\$10,00 cada para abrir a firma, o contador recebeu em troca mercadorias produzidas pelos próprios agricultores. A idéia foi abrir uma lojinha para a comercialização de todos os produtos.

A participação direta e a assistência do agricultor era fundamental para o vínculo com o consumidor, a forma como se constituía esta relação dava bases para a compreensão de como o produto era cultivado, mostrando as diferenças entre os padrões de produção da agricultura convencional e da ecológica. Segundo relatos da entrevistada, a falta de uma pessoa que fizesse este trabalho na loja, foi o que determinou seu insucesso.

Desta forma a loja infelizmente não obteve sucesso, três meses de comércio e acabaram fechando as portas para não se endividar. Na produção os problemas climáticos, o padrão de qualidade da produção por vezes não agradava o consumidor, a falta de capital de giro (cota capital por sócio), faltou engrenagem no investimento entre outros problemas.

Outras alternativas foram criadas para a comercialização como a OPA (Associação dos Orgânicos do Paraná), mas os seus rendimentos diminuem,

pois estarão fornecendo mercadoria para um atravessador. Segundo os entrevistados a comercialização da suas produções ainda é precária. O conflito existente no município entre os produtores convencionais e os agroecológicos na comercialização em feiras livres (possíveis inimizades que são criadas entre eles) faz com que procurem outros centros de comercialização e associativismos.

A disponibilidade do poder público como a Prefeitura é efetiva. Estão dispostos a incentivar a cooperativa, segundo relatos do secretário do município. A preocupação está em torno do cuidado em não perder e respeitar os valores locais, principalmente os valores da Agroecologia. O secretário acredita que para cada produtor exista a necessidade de ter dez famílias consumindo seus produtos num valor de R\$300,00 mês, assim este produtor atingiria a sua auto-sustentabilidade.

Outro entrave que foi identificado é o preço de comercialização da produção, pois, os agricultores trabalham o “preço justo” da sua produção, ou seja, o que realmente deve ser cobrado em torno dos seus custos, sem especular sazonalidade entre outras questões. Isto faz com que o produto seja colocado no mercado com um preço fixo que, na entressafra acaba ficando barato em relação ao convencional e caro quando ocorre a safra, e infelizmente o mercado acaba indo pelo preço mais baixo.

Este estudo de caso tenta mostrar como foi construída a identidade da COFAECO – Cooperativa de Famílias de Agricultores Ecológicos de São Mateus do Sul – os seus entraves na questão da comercialização, a busca por uma produção mais limpa, que não agrida o meio ambiente e a possível problemática da produção dos agricultores na tentativa de atender o mercado consumidor apontando para uma nova forma de governança.

Portanto, entender como a COFAECO constrói um novo modelo de governança em torno das duas propostas de cooperativa de produção agrícola e a de serviços agrícola permitiu constatar a trajetória de construção de sua sustentabilidade.

7 Análise dos resultados alcançados pelas ações já desenvolvidas pelos cooperados

Segundo o estudo de caso realizado na COFAECO em São Mateus do Sul, foi possível perceber que as famílias pertencentes à associação, estão muito bem preparadas quando o assunto envolve a produção técnica das formas de plantio agroecológico.

Exemplos como a seleção massal, o uso de fertilizantes e defensivos naturais, a rotatividade da lavoura, mostram que a estrutura viabilizada pela EcoAraucária da suporte técnico em torno da produção agroecológica.

Como descrito anteriormente, a EcoAraucária foi criada como uma Associação de Agricultores para proteger os interesses do agricultor com relação à produção do conhecimento gerado, isto é, a questão técnica de plantio em suas propriedades.

A proposta da associação também relaciona a formação do próprio agricultor ecológico em torno de melhores qualificações, por meio de cursos de empreendedorismo rural. A mudança no modelo de subsistência, alterando a

prática tradicional de degradação da terra, para uma prática sustentável, que proporciona a felicidade, pois, não destrói o seu entorno, constitui-se em fator de êxito desta proposta. Além disso, outras maneiras de capacitar o empreendedor rural para provocar a mudança de mentalidade do empreendedor urbano, na questão do conhecimento sobre as formas técnicas de plantio da agroecologia configuram a concretização da EcoAraucária.

Já a COFAECO é viabilizada pelas famílias de agricultores ecológicos, por meio de regras pré-estabelecidas, com a comunhão de todos os associados para a comercialização da produção agrícola. Esta associação tem como único e exclusivo intuito a formalização da comercialização da produção elaborada por todos.

Porém, mesmo com as propostas de desenvolvimento técnico e da participação de todos os associados na comercialização da produção, a COFAECO parece não conseguir alcançar sustentabilidade.

Pode-se afirmar que talvez, esta questão aponte para a associação entre as propostas desenvolvidas pela EcoAraucária e COFAECO. Porém tal união necessita de uma ótica que direcione para a concretização de uma cooperativa mista de produção e de comercialização.

Seria como a proposta viabilizada pelas cooperativas de produção na Hungria, que produz sistemicamente, integrando os diferentes produtores para que desta forma dêem suporte a uma produção que supra as necessidades do mercado consumidor e das próprias famílias de agricultores.

Este tipo de produção em conjunto, que envolve todos os associados de uma cooperativa, formaliza uma maior flexibilidade, principalmente quando as respostas esperadas estão em torno da viabilidade de uma comercialização que leva em consideração um mercado, que propõem várias mudanças pelo grande número de produtos ofertados constituindo-se em condição de sustentabilidade.

Pode-se afirmar ainda que é uma produção que pode estar vinculada a mudanças rápidas e dinâmicas de um determinado mercado, ou de uma determinada forma de produção, como a agroecológica, que não representa apenas um tipo de produto.

Essa participação conjunta na produção e comercialização pode dar a sustentabilidade esperada para a COFAECO, tornando assim, uma associação voltada não só para fins comerciais, mas também, para fins produtivos.

Nesse sentido, percebe-se que a cooperativa de produção agrícola enaltece produções mais dinâmicas, caracterizadas por inovações rápidas, e que em sinergia com a cooperativa de serviços agrícolas, faz emergir possibilidades de sustentabilidade para a COFAECO.

8 Considerações

A revisão do modelo de governança das cooperativas permitiu analisar como uma cooperativa de agroecologia trilha sua sustentabilidade.

A aproximação com a realidade oportunizou descrever os pressupostos da relação homem-natureza que emergem da busca de equilíbrio diante dos desafios provenientes das mudanças no modelo de governança das cooperativas.

A identificação dos processos vividos pela comunidade que constitui a COFAECO indicam que os resultados alcançados pelas ações já desenvolvidas pelos cooperados apontam para uma falta de condições para sua sobrevivência.

O que se constatou neste estudo de caso foi a necessidade de complementaridade entre os dois modelos de cooperativas. Também foi possível aferir que estes dois tipos de cooperativismo podem compor uma cooperativa sustentável para os meios de produção e de comercialização da agroecologia, não desunindo as duas formas, mais sim, reunindo-as em torno das suas principais características.

O encaminhamento que os cooperados estão dando para a COFAECO permitiu a compreensão de que as soluções dos problemas da cooperativa e, como consequência, das famílias envolvidas, está em torno de uma melhor comercialização, de uma maior proximidade da cooperativa e do mercado.

Porém, a proposta para a sustentabilidade da COFAECO, pode estar em questões mais amplas, envolvendo não só a comercialização, mas também, a produção agrícola. Neste sentido, constatou-se que os problemas ocorridos com a comercialização estavam em grande parte relacionados com a produção, como os problemas climáticos, com os problemas no padrão de qualidade da produção, não agradando o consumidor e, provocando a falta de capital de giro para a sua manutenção.

Estes fatores evidenciam que a problemática envolvida na construção da sustentabilidade de uma cooperativa agroecológica está na complementação entre a produção e a comercialização.

Sob este cenário, foi possível aprender que os modelos de cooperativas agroecológicas encontram-se em processo de construção com vistas a sua sustentabilidade.

9 Referenciais Bibliográficos

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. **Informações e Documentação**: referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, ago. 2002.

DOROCHINSKI, T. **Entrevista concedida a Ana Maria Coelho Pereira Mendes e Cristiano Chiamonti**. São Mateus do Sul, 03 janeiro 2008.

GIL, C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

GLEISSMAN, S. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Ed. Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

RIOS, G. **O que é cooperativismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SACHS, I. **Rumo à ecossocioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007.

SEBRAE. **Culturas da cooperação**. Disponível em: <<http://www.sebraemq.com.br/culturadacooperacao/cooperativismo/cooperativa%20%20que%20e.htm>> Acesso em 20/05/2008.